



49

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2018

VICENTE, Filipa Lowndes, *Entre dois Impérios – Viajantes Britânicos em Goa (1800-1940)*, Lisboa, Tinta da China, 2015, 352 p.

Doutora pela Universidade de Londres, onde defendeu no ano 2000 a tese que daria origem ao livro *Viagens e Exposições: D. Pedro V na Europa do século XIX*, publicado em 2003¹, a historiadora portuguesa Filipa Lowndes Vicente, é, atualmente, vinculada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, onde desenvolve pesquisas voltadas para a área dos estudos coloniais e, em especial, para os estudos sobre Ásia e Orientalismo, juntando a isto uma perspectiva feminista e enveredando também pelos estudos de gênero. Entre seus principais títulos, podemos citar: *Outros orientalismos: a Índia entre Florença e Bombaim, 1860-1900*, publicado em 2009², *A Arte sem História – mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)*³ e *O Império da Visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*, ambos publicados no ano de 2012⁴.

Em 2015, publicou, pela editora portuguesa Tinta da China, o seu mais recente livro, intitulado *Entre dois Impérios – Viajantes Britânicos em Goa (1800-1940)*. Neste, a historiadora parece ter encontrado a fórmula perfeita para congregar parte substancial de seus interesses de pesquisa, trazendo ao público um texto que se debruça sobre as intrincadas relações entre os Impérios Britânico e Português e suas porções na Ásia, sem perder de vista o enfoque de gênero, conduzindo uma bela discussão acerca da atividade de mulheres viajantes e seus relatos de viagem no contexto do Império. Para tanto, Lowndes seleciona um conjunto de textos de viajantes britânicos, homens e mulheres, que estiveram em Goa num recorte cronológico que vai de 1800 a 1940, e apesar de analisar alguns pontos de divergência entre estes, conduz a pesquisa no sentido de tentar compreender o denominador comum dos textos em questão (p. 31). Seu *corpus* documental, foi, em grande parte, recolhido na British Library, em Londres, e inclui relatos como os da James Forbes, Tom Cringle, Richard Burton e até do então Príncipe de Gales. Destacamos também, o fato de todos os textos escolhidos para a análise serem escritos por britânicos em viagem a Goa – à exceção do relato do diplomata francês Charles François Frédéric de

¹ Filipa Lowndes Vicente, *Viagens e Exposições: D. Pedro V na Europa do século XIX*, Algés, Gótica, 2003.

² Filipa Lowndes Vicente, *Outros orientalismos: a Índia entre Florença e Bombaim, 1860-1900*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

³ Filipa Lowndes Vicente, *A Arte sem História – mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)*, Lisboa, Babel, 2012.

⁴ Filipa Lowndes Vicente (org.), *O Império da Visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*, Lisboa, Ed. 70, 2012.

Montholon-Sémonville – demonstrando, dessa maneira, o interesse da autora em incluir na sua análise as questões pertinentes às relações entre os Impérios Britânico e Português.

O livro está estruturado em duas partes, além de uma introdução em que a autora apresenta os relatos que foram utilizados em sua pesquisa, destacando as principais ideias implícitas nestes textos, bem como as dificuldades de acesso dos viajantes a Goa ao longo do século XIX, os principais motivos – saúde, religião, visita oficial – que levavam os viajantes a se estabelecer por algum tempo aí, e, também, a questão da invisibilidade feminina na escrita de viagem (p. 68). Na primeira parte do livro, a historiadora analisa os relatos de viagem escritos por homens que, em algum momento de suas vidas, estiveram em Goa, em viagem de caráter pessoal ou oficial. Na segunda parte, Lowndes centraliza a análise nos relatos escritos por mulheres, deixando claro que não despreza as diferenças de escrita que possam existir a partir do lugar de onde se fala, mas evidenciando que, a despeito do gênero, existiam outros fatores que faziam essas narrativas convergirem, como por exemplo a nacionalidade de quem escreve, seja ele do sexo masculino ou feminino.

A escrita da autora percorre os caminhos de análise do *corpus* documental selecionado, se apoiando em dois conceitos principais, quais sejam: o de *zonas de contato* e o de *não-lugar*; propostos respectivamente por Mary Louise Pratt e Marc Augé⁵. Dessa maneira, a historiadora considera a Índia Portuguesa “quase um não-lugar esquecido no mapa do império colonial britânico na Índia” (p. 21), no sentido atribuído por Augé, em que um *não-lugar* seria um espaço onde se passa, mas não se para (p. 21). Além disso, Lowndes se apropria do conceito de *zonas de contato*, proposto para pensar os *encontros coloniais*, utilizando-o para analisar não só as relações entre colonizados e colonizadores, mas também aquelas existentes entre viajantes e viajados, discursos masculinos e femininos e, até mesmo, as relações entre colonizadores em contextos coloniais diversos (p. 19).

Como sabemos, no século XIX, os britânicos consolidaram o seu poder na Índia e, a partir de então, intensificaram as relações entre seus colonos e os colonos portugueses, abrindo espaços maiores de convivência e conseqüentemente de representação. Em *Colonizar a colônia vizinha: viajantes britânicos em Goa*, primeira parte de seu livro, Filipa Lowndes se debruça sobre um conjunto de relatos escritos por homens e identifica as ideias recorrentes nestes textos, de modo a confrontá-los, mais adiante, com os relatos escritos por mulheres, no

⁵ Mary Louise Pratt, *Imperial Eyes. Travel writing and Transculturation*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1992; Marc Augé, *Não-lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*, Campinas, Papirus, 1994.

sentido de identificar suas divergências, mas sobretudo, suas convergências, para além da questão do gênero. Para a autora, os homens britânicos que escreveram sobre Goa deixaram, de maneira geral, explícito em seus relatos algumas ideias-padrão. Em primeiro lugar, havia, segundo Lowndes, uma ardorosa crítica à Inquisição, bem como à imposição do catolicismo às populações locais, mas, primordialmente, esses homens versavam sobre a decadência da Índia Portuguesa, personificada nas ruínas de Velha Goa, e suas causas.

A autora deixa claro que, entre as principais causas citadas pelos viajantes para explicar a decadência do Império Português na Ásia, estavam a *tiranía supersticiosa*, ou seja, as práticas religiosas provenientes do catolicismo e a sua imposição aos locais, o poder inquisitorial e a perseguição religiosa, mas principalmente a mistura racial e cultural entre colonizadores e colonizados. A contraposição entre a Goa gloriosa de tempos áureos e a Goa decadente é, segundo Lowndes, um pensamento recorrente nos relatos e a abordagem é, quase sempre, no sentido de analisar os motivos da decadência e aprender com eles para, desta maneira, não repeti-los, impedindo assim que o domínio britânico naquele espaço também entrasse em declínio. Nesse sentido, fica evidente que os textos produzidos pelos viajantes do sexo masculino tinham um caráter mais utilitário, fato que não seria espantoso, visto que seus autores, em grande medida, faziam parte do governo imperial e/ou estiveram em Goa em missão oficial.

Na segunda parte do seu livro, intitulada *Mulheres, viagens e escrita: as narrativas de Isabel Burton e Katherine Guthrie em Goa na década de 1870*, a historiadora examina as diferenças entre os relatos de ambas as escritoras, mas, principalmente, direciona sua análise para o cruzamento destes textos com aqueles investigados na primeira parte do livro, formalizando, assim, uma investigação que se propõe a entrelaçar os estudos coloniais e os de gênero. Filipa Lowndes afirma que existem muitos paralelos entre os estudos de gênero e os estudos coloniais, como por exemplo, os discursos patriarcal e colonial que legitimam “a existência de relações hegemônicas e de desigualdade, de domínio e de controle pelas supostas características inferiores daqueles que discriminam e colonizam, sejam estes povos colonizados ou mulheres” (p. 191). Apesar de identificar estas áreas, a autora afirma que sua investigação entrelaça gênero e colonialismo através de uma outra perspectiva, qual seja: “aquela que analisa os lugares, a iniciativa (*agency*) e a ação das mulheres pertencentes a nações colonizadoras” (p. 192).

Existe uma grande quantidade de livros escritos por mulheres britânicas acerca da Índia entre os séculos XIX e XX, como os das autoras Maria Graham, Emily Eden, Annie Besant e etc (p. 195). Segundo Filipa Lowndes, os relatos de Burton e Gurthrie, textos protagonistas em seu trabalho, se diferenciam

dos demais pelo fato de incluírem Goa no seu campo de análise (p. 196). Isabel Burton e Katherine estiveram em Goa como acompanhantes de seus respectivos maridos, a primeira por motivo de uma viagem de descanso para restabelecimento da saúde, e a segunda para uma viagem no âmbito de uma missão oficial. Ambas falaram da Índia portuguesa com um olhar impregnado de seus lugares de origem e influenciadas pelos seus contextos pessoais.

Isabel Burton, católica fervorosa, deixa de fora de seu relato qualquer postura que remetesse à igualdade do teosofismo e coloca no centro de sua escrita o catolicismo (p. 196-197). Apesar de fazer críticas pontuais à administração britânica naquele espaço colonial, nomeadamente à forma brutal como os britânicos tratavam os locais, a escritora nunca questiona a soberania inglesa sobre a Índia, se colocando como membro pertencente a uma nação colonizadora (p. 202), corroborando, dessa maneira, muitas das ideias aventadas nos relatos redigidos por viajantes do sexo masculino, demonstrando assim, que sua condição de colonizadora está acima de seu gênero. Seu gênero, no entanto, constitui-se como obstáculo quando assume o papel de historiadora na sua versão da história civil de Goa, necessitando, dessa maneira, de lançar mão de estratégias para legitimar a sua escrita, como por exemplo se colocar no lugar de testemunha ocular, evidenciar o seu domínio sobre a língua portuguesa, ou ressaltar as contribuições masculinas em sua obra (p. 208).

Katherine Guthrie, por sua vez, esposa de militar, viveria “numa casa que era também um forte militar” (p. 197), marcando, dessa maneira, sua identidade colonial e dando-lhe escopo para ir além daquilo que se esperava da escrita feminina à época, versando sobre as comunidades que ali habitavam, a fauna, a flora, as cerimônias religiosas e etc. Segundo Lowndes, a autora descreve o povo goês como o povo mais bem educado que já conhecera, bem como reproduz a ideia, muito presente nos relatos de Richard Burton, do mestiço como fator maléfico ao progresso. Guthrie, protestante que era, compartilhava da mesma desaprovação presente nos textos escritos pelos seus colegas viajantes do sexo masculino relativamente aos métodos de conversão ostentados pela Igreja católica, bem como do mesmo pensamento que interpretava a religiosidade católica como supersticiosa e irracional (p. 264), como fica claro nas linhas que dedica à descrição da cerimônia de exposição do corpo de São Francisco Xavier, evento presenciado por ela.

Burton e Guthrie compartilhavam de algumas ideias em comum, do espanto em relação a Goa, um espaço geográfico com características socioculturais muito diferentes daquelas que ambas conheciam, passando pela questão da educação do povo goês, referida por ambas como algo admirável, e chegando à velha ideia de contraposição da Goa dos tempos áureos e da Goa decadente,

tão explorada pelos escritores britânicos do sexo masculino. Nesse sentido, Filipa Lowndes deixa bastante clara a sua tese, que consiste em demonstrar que a escrita dessas autoras não está demarcada apenas pelo seu gênero, mas também por fatores como a sua nacionalidade e a sua posição enquanto membro de uma nação imperialista. O fato de serem britânicos faz com que homens e mulheres se encontrem em certas interseções de pensamentos e compartilhem ideias e cânones pré-estabelecidos, nomeadamente a crítica ao modelo de colonização português e a comparação no âmbito da superioridade entre os Impérios Britânico e Português.

Dessa maneira, a autora conclui aquilo a que se propôs, dando visibilidade, através dos relatos analisados, aos vários contextos de hegemonia e de assimetria de poder dentro dos espaços coloniais, com especial atenção para o confronto entre as duas pontas de poder equivalentes, os dois grupos colonizadores habitantes deste espaço (p. 292). Com efeito, deixa evidente a complexidade das relações existentes não só nas tão pensadas *zonas de contato* entre colonizadores e colonizados, mas também naquelas que se desenrolam no cruzamento entre impérios, afirmando que as análises incluídas em seu trabalho “sugerem a existência de uma outra dimensão da alteridade desigual” (p. 292), ou seja, a da comparação entre dois poderes imperiais/colonizadores equivalentes.

IZABEL MARIA DOS SANTOS

Doutoranda em História Moderna pela Faculdade de Letras

Universidade de Coimbra

Bolsista CAPES de Doutorado Pleno no Exterior